

O LIBERTÁRIO

Um Boletim da Associação em Prol do Pensamento Libertário - APPL - Salvador - Ba - Caixa Postal 053 - Cep 40001-970

Systeme Des Contradictions Economiques, 1846, Vol. I

Pierre-Joseph Proudhon



A maioria dos filósofos, como dos filólogos, só vê na sociedade um ser de razão, ou melhor, um nome abstrato que serve para designar uma coleção de homens. Que os substantivos coletivos, os substantivos de gênero e de espécie, não designem, em absoluto realidades, isso é um preconceito que todos adquiri-

mos na infância com as primeiras lições de gramática. Muito haveria para dizer acerca desta matéria; limito-me ao meu assunto. Para o verdadeiro economista, a sociedade é um ser vivo dotado de uma inteligência e de uma atividade próprias, regido por leis especiais que só a observação permite descobrir e cuja existência se manifesta, não sob uma forma física, mas pelo acordo e pela íntima solidariedade entre todos os seus membros. Assim, quando, há pouco, sob o símbolo de um deus fabuloso, fazíamos a alegoria da sociedade, a nossa linguagem, no fundo, nada tinha de metafórico; era ao ser social, unidade orgânica e sintética, que nós acabávamos de dar um nome. Para quem refletiu sobre as leis do trabalho e da troca (deixei de lado quaisquer outras considerações) a realidade, e estive quase a ponto de dizer a personalidade do homem coletivo, é tão certa quanto a realidade e a personalidade do homem individual. Toda a diferença está em que este se apresenta aos sentidos sob o aspecto de um organismo cujas partes mantêm uma coerência material, circunstância que não existe na sociedade. Mas a inteligência, a espontaneidade, o desenvolvimento, a vida, tudo o que constitui a realidade de ser no mais alto grau é tão essencial para a sociedade como para o homem (p.123).

É impossível e contraditório, que no sistema atual das sociedades o proletariado alcance o bem-estar pela educação ou a educação pelo bem-estar. Com efeito, sem contar já que o proletário, o homem-máquina, é tão incapaz de suportar o desafogo como a instrução, está demonstrado, por um lado, que o seu salário tende sempre menos a elevar-se que a descer, e por outro, que a cultura do seu espírito, mesmo que a pudesse receber, ser-lhe-ia inútil, pelo que há para ele uma incitação constante para a barbárie e para a miséria.

Tudo o que, nestes últimos anos, se tentou em França e Inglaterra com vista a melhorar a sorte das classes pobres relativamente ao trabalho das crianças e das mulheres e ao ensino primário, a menos que seja o fruto de uma intenção do radicalismo, foi feito à margem dos dados econômicos e em prejuízo da ordem estabelecida. O progresso, para a massa dos trabalhadores, é sempre um livro fechado a sete chaves; e não é por meio de contra-sensos legislativos que o implacável enigma será explicado (p. 164).

Com a máquina e a oficina, o direito divino, quer dizer o princípio de autoridade, fez a sua estréia na economia política.

O Capital, a Dominação, o Privilégio, o Monopólio, a Comandita, o Crédito, a Propriedade, etc., tais são, em linguagem econômica, os diversos nomes de um não sei que a que costumam chamar Poder, Autoridade, Soberania, Lei Escrita, Revelação, Religião, enfim, Deus, causa e princípio de todas as nossas misérias e de todos os nossos crimes, e que quanto mais procuramos definir, mais se nos escapa. Será impossível que, no estado presente da sociedade, a oficina, com a sua organização hierárquica, e as máquinas, em vez de servirem exclusivamente os interesses da classe menos numerosa, menos trabalhadora e de todas a mais rica, sejam empregadas para o bem comum? Isto é o que iremos examinar (p.195).

A família não é, por assim dizer, o tipo a molécula orgânica da sociedade. Na família, como muito bem o tinha observado de Bonald, existe um só ser moral, um só espírito, uma só alma, e quase diria, como a Bíblia, uma só carne. A família é o berço da monarquia e do patriado; nela reside e se conserva a idéia de autoridade e de soberania, que se apaga cada vez mais no Estado. Foi sobre o modelo da família que todas as sociedades antigas e feudais se organizaram, e é precisamente contra esta velha constituição patriarcal que se revolta a democracia moderna.

A unidade constitutiva da sociedade é a oficina (p. 238).

É uma consequência do desenvolvimento das contradições econômicas o fato de a ordem na sociedade se mostrar em princípio como que do avesso; aquilo que deve estar em cima estar situado em baixo; aquilo que deve ser posto em relevo parecer côncavo, e aquilo que deve receber luz ser lançado na sombra. Assim, o poder que, por essência, é como o capital, auxiliar e subordinado do trabalho, torna-se, pelo antagonismo na sociedade, o espião, o juiz e o tirano das funções produtivas; o poder, a quem a sua inferioridade original manda obediência, é príncipe e soberano. Em todos os tempos as classes trabalhadoras buscaram contra a casta oficial a solução desta antinomia, cuja chave só a ciência econômica pode dar (p. 289).

Segundo as definições da ciência econômica, pelo contrário, definições conformes à realidade das coisas, o poder é a série dos improdutivos que a organização social deve tender infinitamente a reduzir. De que maneira, pois, com o princípio de autoridade tão caro aos democratas, o voto da economia política, voto que também é do povo, se poderia realizar? Como é que o governo que, segundo esta hipótese, é tudo, se tornaria um servidor obediente, um órgão subalterno? (pp. 340-341)

O poder, instrumento da força coletiva, criado na sociedade para servir de mediador entre o trabalho e o privilégio, encontra-se fatalmente ligado ao capital e dirigido contra o proletariado (p. 345).

Para as classes trabalhadoras, o problema consiste, então, não em conquistar, mas em vencer, ao mesmo tempo, o poder e o monopólio, o que significa fazer surgir das entranhas do povo, das profundezas do trabalho, uma autoridade maior, um fato mais poderoso, que envolva o capital e o Estado e que os subjuguem (p. 345).

Retirado do livro "Proudhon" de Georges Gurvitch. Tradução de Lurdes Jacob e Jorge Ramalho. Coleção Biblioteca Básica de Filosofia. Edições 70. Lisboa. 1983.

Pensar? — Dá trabalho e, se os outros pensam, dá inveja.

Maria Lacerda de Moura (1887-1945)

Escândalo da Fome

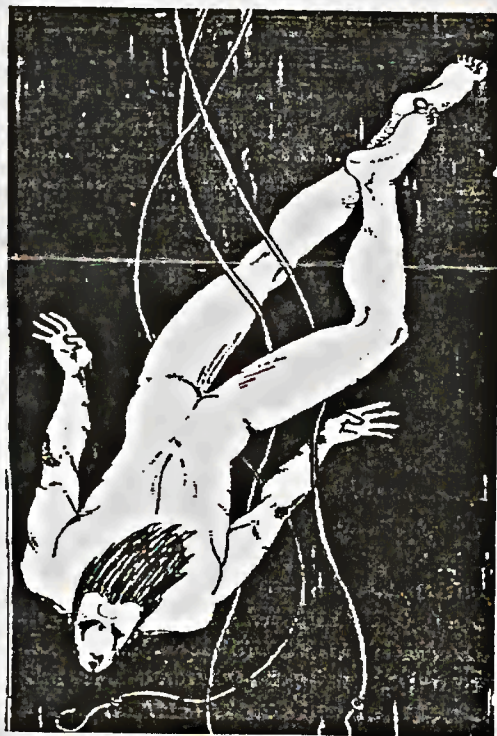
Somos um país muito grande. Temos riquezas naturais invejadas por muitas nações. Um dos grandes escândalos que presenciemos no Brasil é o fato de termos tantas riquezas e, ao mesmo tempo, vemos irmãos nossos morrendo de fome.

Estatísticas e levantamentos de organismos internacionais dizem que muitas crianças morrem de subnutrição. Os jornais publicam constantemente dados referentes a fome que mata milhões de brasileiros.

Campanhas Nacionais são desenvolvidas no sentido de angariar alimentos para os famintos. Todo este quadro poderia facilmente ser revisto com uma política adequada. Quando os interesses das grandes potências e de alguns brasileiros são colocados acima do bem comum, produz-se fome.

Não se trata apenas de inventar novas campanhas contra a miséria, mas de se realizar um plano de governo que tenha como primeiro objetivo uma política de alimentação e de respeito pelo ser humano.

ass: **D.Santos**



PENSANDO O ANARQUISMO

- INTRODUÇÃO -

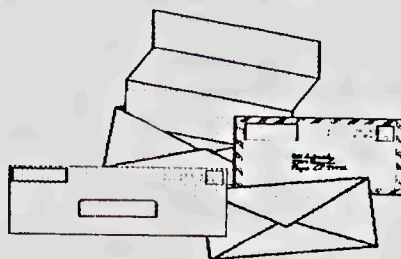
O anarquismo é o que os anarquistas querem. Porém, se os seres humanos pensam, e os anarquistas "são" seres humanos, logo, os anarquistas pensam. Com esse pensamento lógico, quero dizer que a todo momento é preciso estar desenvolvendo (pensando) a anarquia. Como diz Descartes: "Com a palavra 'pensar', dizia ele, entendo tudo o que acontece em nós mesmos: por isso não só entender, querer, imaginar, mas também sentir é a mesma coisa que pensar".

Percebe-se através da história política e teórica da anarquia, que existem tais teorias e práticas que, para a realidade de hoje estão distantes de uma argumentação rigorosa, embora, não nega-se a sumo-importância das tais, para o desenvolvimento do anarquismo. Assim dentro e fora da minha realidade, faz-se necessário pensar rigorosamente mais ainda a anarquia, que a nível geral, é proposta uma sociedade ausente de um poder centralizador.

Portanto, em alguns outros boletins deste, assim como, em algumas outras escritas de "entidades" anarquistas diversas, sairá sequências específicas no que diz respeito ao tema, PENSANDO O ANARQUISMO, que, como foi dito acima, terá o objetivo de aprofundar a teoria e prática anarquista. Todavia, salienta-se que a princípio, queria eu, desenvolver esse pensamento através de diálogos, sendo eu mesmo o protagonista. Porém, percebi que poderia me perder no próprio diálogo.

Desejo assim, mesmo em uma realidade micro, contribuir de alguma forma para a implantação da anarquia na nossa sociedade.

André Luiz



**Caixa Postal 053
Salvador - Ba
Cep 40001 - 970**